

Ruy Fausto

Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples. 1ª edição, Paz e Terra/Brasiliense, São Paulo-SP, 1997.

Hector Benoit (Professor do Departamento de Filosofia, Unicamp.)

Como fizera nos dois volumes de *Marx: Lógica e política, investigações para uma reconstituição da dialética* (1983 e 1987), neste novo livro, de maneira tão paciente quanto naquelas obras, prossegue Ruy Fausto a sua hermenêutica da obra de Marx à luz da *Lógica* de Hegel. Em *Lógica e política*, o autor estudara sob luz hegeliana diversas questões relativas à obra de Marx, como o humanismo, o “althusserismo”, a noção de trabalho abstrato, a circulação de mercadorias, a concepção marxista da história, as noções de pressuposição e posição, as classes e o Estado. Agora, nesta nova obra, *Dialética marxista, dialética hegeliana: A produção capitalista como circulação simples*, as análises de Fausto são mais localizadas e obedecem a maior unidade: como aponta o próprio título do livro, trata-se de estabelecer os pontos exatos de contato entre a dialética hegeliana e a dialética de Marx na primeira seção de *O Capital*.

No primeiro capítulo, “Fundamento e aparência”, o autor estuda uma certa dificuldade que existiria na seção I de *O Capital*. Se a circulação simples tratada nesta seção representa a *aparência* do sistema, como é possível logicamente apresentar como *postos*, já nesta altura do desenvolvimento da obra, os elementos *valor* e *trabalho* que parecem pertencer aos *fundamentos* do sistema e não à aparência dele? Na verdade, mostra Fausto que, nesta seção os fundamentos

são postos exatamente como e enquanto aparência. Nesta primeira seção de *O Capital*, portanto, se faz exatamente a teoria do fundamento enquanto fundamento aparente. Toda a dificuldade dialética, mostra o autor, está justamente em compreender que o fundamento é afirmado a partir de um “juízo de reflexão”, isto é, um juízo que poderia ser enunciado da seguinte forma: “o fundamento posto é... aparência”. Sendo assim, o fundamento(sujeito) se reflete no predicado (a aparência), o sujeito não permanece estável, isto é, temos um “juízo de reflexão” e não um “juízo do sujeito”. Ressalte-se, Fausto utiliza o signo “...” para exprimir exatamente a “reflexão” em um juízo. Neste tipo de juízo o sujeito se reflete no predicado estando assim apenas pressuposto. Seria o caso do fundamento na I seção de *O Capital*. Foi também utilizando o mesmo juízo de reflexão que Fausto já dissolvera dialeticamente, em *Lógica e política* I (cap. 1), o falso (e inocente) dilema entre humanismo ou negação do humanismo em Marx: em todos os juízos que fizemos sobre o homem antes do fim da “pré-história”, explicara ele, o homem é um sujeito que se reflete no predicado e o predicado ao invés de revelar a essência do sujeito homem apenas anuncia *outro* que o próprio homem.

No segundo capítulo do livro, Fausto estuda a questão de *matéria e forma* na seção I de *O Capital*. Procura explicar

como a dualidade matéria/forma se articula com as noções de substância, de sujeito e com a dualidade conteúdo/forma. Mais uma vez, fará aproximações com Hegel. Sustenta que essas dialéticas da obra de Marx correspondem mais de perto à dialética do fundamento absoluto na lógica da essência de Hegel. A dialética da forma e da essência (primeiro item de *O fundamento absoluto* na lógica hegeliana) corresponde, segundo Fausto, à passagem do valor de troca ao valor e, na seqüência, à constituição da substância como trabalho abstrato. O segundo item em *O fundamento absoluto* de Hegel (“Forma e matéria”) corresponde à dialética em Marx da forma do valor e do dinheiro, e o terceiro item (“Forma e conteúdo”) corresponde ao fluxo do próprio capital, ainda que este em Marx seria mais analógico com a passagem ao conceito, ou seja, já o processo de transição para o livro III na *Ciência da Lógica* de Hegel.

No entanto, apesar destas múltiplas analogias, já neste segundo capítulo, o autor apresenta também algumas “diferenças essenciais” entre Hegel e Marx. Na dialética hegeliana, segundo Fausto, haveria uma constituição da matéria e do conteúdo, o movimento de apresentação hegeliano seria assim “um processo de constituição sobre o fundo do nada” (p. 47), enquanto que em Marx, matéria e conteúdo material são *pressupostos*, isto é, estariam presentes como presença-ausente desde o início. Como escreve Fausto: “Fica a diferença entre uma dialética em que todas as determinações são constituídas pelo processo [ou seja

Hegel], e outra, em que a constituição está inscrita numa base material [ou seja, Marx]” (p. 47). E acrescenta o autor, na mesma página, que talvez aí, nesta diferença, se encontrem os subsídios para uma definição possível do materialismo de Marx. Nesse sentido lembra Fausto texto dos *Grundrisse* em que Marx afirma ser necessário “corrigir a maneira idealista da apresentação, que produz a aparência de que se trata só de determinações conceituais e da dialética desses conceitos. Sobretudo”, escreve ainda Marx, “a fórmula: o produto (ou a atividade) se torna mercadoria; a mercadoria valor de troca; o valor de troca dinheiro” (cit. por R. F., p. 47). Como comenta Fausto, o sentido dessa autocrítica é que a sucessão das determinações estão inscritas numa matéria anterior e que a constituição de um conteúdo formal seria feita na dialética marxista “sobre o fundo e na base da supressão de um conteúdo pressuposto”. No exemplo estudado, a dialética da forma do valor, ocorreria a “supressão” do conteúdo da finalidade ligada ao valor de uso (cf. p. 48).

Quanto a esta “diferença” entre a dialética de Hegel e de Marx, cabem aqui algumas observações. Inquestionável parece ser que a dialética em Marx e suas categorias formais sempre se desenvolvem sobre uma base material pressuposta, base esta que conforme vai sendo suprimida enquanto pressuposta vai recebendo “vida” (trata-se de encontrar “a vida da matéria”, dizia Marx em célebre prefácio de *O Capital*), até que em certo momento da exposição esta base se mostra como *histórica*.¹ No entanto, no Hegel da

1. Escreve Marx no prefácio da segunda edição: “das *Leben des Stoffes...*”; cabe recordar que em termos do desenvolvimento filosófico interno ao idealismo alemão, a passagem da dialética da vida orgânica ou natural à dialética da vida do espírito enquanto esta vida é história marca exatamente a passagem de Schelling a Hegel.

Fenomenologia do espírito temos um processo bastante analógico... Cabe recordar que em termos do desenvolvimento filosófico interno ao idealismo alemão, a passagem da dialética da vida orgânica ou natural à dialética da vida do espírito, enquanto esta vida é entendida como história, marca exatamente a passagem de Schelling a Hegel. Assim, na *Fenomenologia...*, as diversas figuras da consciência (certeza sensível, percepção, entendimento...) e suas dialéticas nada mais são do que abstrações do todo que precede seus momentos isolados, e a totalidade deste devir, como afirma Hegel nas últimas linhas da *Fenomenologia...*, por um lado, em sua forma contingente, é a própria *história*; por outro lado, enquanto organização conceitual, a totalidade deste devir é a *ciência do saber fenomenal*; finalmente, a unidade destes (história e ciência), por sua vez, é novamente *história*, porém a história elevada acima da contingência, isto é, como diz Hegel, “a recoleção e o calvário do espírito absoluto”. A história portanto, ainda que concebida de forma idealista, é também uma base “material” (“matéria inteligível”, como dizia Aristóteles na *Metafísica*) pressuposta em toda a dialética das experiências teóricas da *Fenomenologia...* Não se diluiria assim, em parte, essa suposta diferença entre a dialética hegeliana e dialética marxista apontada por Ruy Fausto?

Pode-se no entanto argumentar, com razão, que Ruy Fausto, em suas analogias entre Hegel e Marx, não se refere à *Fenomenologia...*, mas sim, à *Ciência da Lógica* e seria somente esta obra, graças justamente ao seu grau maior de abstração, que permitiria relações pertinentes com a dialética de *O Capital*.² Ora, em sentido contrário, ainda que rapidamente, podemos lembrar as relações cerradas que existem entre a *Fenomenologia* e a *Ciência da Lógica*. Quando Hegel projetou escrever a primeira obra, como se sabe,³ pensava inicialmente apresentar uma parte do seu sistema que consistiria em uma introdução seguida pela sua lógica e sua metafísica, no decurso da redação a “introdução ao sistema” transforma-se na *Fenomenologia do espírito*, que passa a ser designada como “a primeira parte do sistema da Ciência”. Ainda que a relação teórica definitiva entre a *Fenomenologia...* e a *Ciência da Lógica* permaneça discutível (para o próprio Hegel), é possível dizer, em vários sentidos, que a *Fenomenologia...* prepara a *Ciência da Lógica*, sendo assim, em certo sentido, o substrato “material” da ciência especulativa. Realmente, ao término da *Fenomenologia...*, quando supera-se a oscilação entre a verdade objetiva externa e a certeza subjetiva que seria sem verdade, suprime-se a diferença entre a forma objetiva da verdade e a verdade do Eu que sabe, atinge-se o *saber absoluto* que

2. Como observa Bento Prado (em perspicaz prefácio que acompanha o livro de Ruy Fausto), se Paulo Arantes escolheu o Hegel da *Fenomenologia...*, Ruy escolheu o Hegel da *Ciência da Lógica*: “Aparentemente um escolheu o Hegel da *Ciência da lógica*, enquanto outro ficou com o da *Fenomenologia do espírito*. No fundo, a questão em pauta parece ser (também) a seguinte: para devolver significação à dialética, será necessário restaurar seu “momento racional-positivo”, recorrendo à artilharia pesada da lógica?” (p. 22).

3. Cf. J. Hoffmeister, in introdução à *Phänomenologie des Geistes*, edição Lasson/Hoffmeister, S.W., II, 1937, p. XXXI; também J. Hyppolite, *Genèse et structure de la Phénoménologie de l'esprit de Hegel*, Aubier-Montaigne, Paris, 1946, p. 56.

justamente é o resultado da *Fenomenologia...*, resultado que permite a transição para o saber puramente especulativo, a ciência pura liberta de toda contingência, a lógica dialética, domínio propriamente da ciência suprema, região que Platão chamara *nóesis*, território *an-hypotético* no qual ocorreu a *anairésis* (supressão ou superação, *Aufhebung*) de todas as *hypo-teses* anteriores. Parece-nos assim bastante discutível sustentar que a dialética hegeliana se diferenciaria daquela de Marx pela inexistência na primeira de uma base “material”. Sobre-tudo, se entendermos esta base “material” enquanto o que está *sub-posto* (a *hypotese* na dialética platônica) ou enquanto o substrato (a *ousia* enquanto *hypokeímenon* em Aristóteles), ou ainda a potência ou *dynamis* (aristotélica),⁴ todos estes diversos sentidos de “substrato material” e de “pressuposto” predominantes na lógica hegeliana constituem uma “matéria” a partir da qual se desenvolve o devir das categorias. Não acompanhamos Fausto, particularmente, quando na sua argumentação (para ressaltar a suposta diferença entre Hegel e Marx) afirma que a lógica da essência em Hegel se desenvolve “sobre o fundo do nada” (p. 47), ainda que em seguida relativize “de um nada que é nada-do-ser” (*ibidem*). Ora, como o próprio Hegel comenta no começo da lógica da essência (e aqui, sem dúvida, recordando Aristóteles), a essência (*Wesen*) foi conservada na forma verbal do passado do verbo ser, isto é, em alemão *gewesen*, e acrescenta, “com efeito, a essência (*Wesen*) é o ser

passado, mas o ser passado intemporal (*zeitlos*)”.⁵ Para Hegel, assim, a lógica da essência não parte do nada como ausência, mas sim, do que *era* ser, isto é, o passado do ser (a história do seu processo de determinações), ou o ser superado e suprimido em sua temporalidade contingente. Como se vê, na lógica da essência, mais uma vez, também aparece um “substrato material” a partir do qual ocorre o processo dialético. A diferença entre a lógica hegeliana e a marxista talvez deveria ser assim procurada, não tanto na denúncia da suposta inexistência do substrato material em Hegel, mas sim, muito mais, na determinação da diferença de *conteúdo* deste substrato “material”.

Enquanto em Hegel a essência, o passado do ser, a história, são determinados a partir da história política, cultural, religiosa, filosófica, “superestrutural”, em Marx, ao contrário, a superestrutura não tem propriamente história, os processos superestruturais, o desenvolvimento das idéias, das categorias e assim da própria lógica dialética (ser, não-ser, devir...), possuem como substrato material as contradições da história (ou pré-história) da humanidade que, até os nossos dias, para Marx, são as contradições da *história da luta de classes*. Este é o *conteúdo* do substrato material da lógica dialética marxista que diferencia radicalmente Marx de Hegel e de todo o pensamento burgues e reformista.

As leituras acadêmicas, mesmo aquelas rigorosas como a de Ruy Fausto, no entanto, separando e recortando analiticamente a obra de Marx anulam o movi-

4. *Hypótese*, *hypokéímenon* e *dynamis* são noções convergentes da filosofia grega clássica e estão presentes no sentido do *substrato* e *pressuposto* hegeliano.

5. *Ciência da lógica*, in S. W., IV, edição Glockner, 1965, p. 481. Observe-se que em Aristóteles a essência é expressa pela célebre locução “o que *era ser*” (*tó tí en éinai*), traduzida em latim por “quod quid *erat esse*”.

mento dialético deste conteúdo (a luta de classes) que, do *Manifesto...* a *O Capital*, dos anos da Liga Comunista à Primeira Internacional, para Marx, aparece como posto historicamente e sempre pressuposto teoricamente, desde o início, em todas as abstrações e exposições teóricas de Marx. No caso de Ruy Fausto, neste livro, esta leitura acadêmica (não-marxista) de Marx, fica bastante clara no capítulo 4. Ali Fausto descreve (p. 74-75) a dialética da apresentação dos agentes em *O Capital*. Primeiramente, os agentes são postos enquanto pólos homogêneos que trocam mercadorias na relação jurídica do contrato. Permanecem assim durante o momento da circulação simples. No momento da produção capitalista enquanto produção capitalista os agentes são indivíduos heterogêneos em inércia, representando a primeira negação do contrato. No momento da produção capitalista apresentada como reprodução, os agentes são suportes sociais do capital e assim classes sociais, porém classes em *inércia* e, diz Fausto, somente *pressupostas*, apesar de ocorrer aqui a segunda negação do contrato também não existe aqui ainda luta de classes. Finalmente, no capítulo 52 do livro III de *O Capital*, os agentes serão classes *postas*, mas também ainda em inércia, e portanto continuaria inexistindo a luta de classes. Onde está então, segundo Ruy Fausto, a luta de classes em Marx? Somente “para além d’*O Capital*, tem-se classes em luta, o que significa transgressão do contrato” (p. 76). Como se vê, para Fausto, a luta de classes transcende o conteúdo de *O Capital*. Este “além” são os textos histórico-políticos de Marx, como *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* e *Guerra civil em França*. Observa ainda em nota (p. 76, nota 75) que entre o capítulo 52 de *O Capital* e os textos histórico-políticos “haveria lugar

para uma teoria do Estado capitalista”. Esta sugestão de Ruy Fausto, completar a apresentação da obra de Marx com uma teoria do Estado, parece ser necessária, para ele, pois, somente quando o direito do Estado estivesse *posto* seria plenamente justificada a *transgressão do contrato*, e assim, estariam também justificados os textos histórico-políticos com as classes em luta enquanto *postas*.

Ora, na verdade, assim como o *Dezoito Brumário...* foi publicado em 1852 e não pode esperar a apresentação nem do livro I de *O Capital* nem do capítulo 52 para colocar como *posta* a luta de classes, durante a própria exposição interna de *O Capital*, as classes sociais e a luta de classes não esperam o capítulo 52 para se manifestarem. Como na *Fenomenologia do espírito*, no modo de exposição em *O Capital* (ainda que, mais uma vez, com outro conteúdo histórico), ocorrem constantes “adiantamentos” realizados pela instância “para nós” do percurso. Na instância do “para nós” se conhece antecipadamente o percurso de supressão da aparência e os momentos que na instância da “consciência mergulhada na aparência” são ainda apenas pressupostos, na instância do “para nós” aparecem como já postos. Assim como do ponto de vista do “para nós” em Hegel (que coincide com o saber absoluto) se sabe, desde o começo, a pobreza abstrata da certeza sensível, assim também em Marx, do ponto de vista do “para nós” (que aqui coincidiria com a vanguarda histórica da classe operária europeia que já de fato havia participado da luta de classes desde pelo menos 1830), se sabe, desde o começo de *O Capital*, que só aparentemente alguém vai ao mercado capitalista enquanto indivíduo homogêneo; na verdade, as classes sociais e a luta de classes estão *postas* historicamen-

te sob a aparência dos indivíduos homogêneos, como mostrará sobretudo o capítulo XXIV, descrevendo a acumulação primitiva. No entanto, já no capítulo I ocorrem “antecipações” postas pela vanguarda do “para nós” que anuncia não somente a luta de classes como também a supressão das classes e o próprio socialismo. Como escreve já no capítulo I Marx: “Imaginemos finalmente, para variar, uma associação de homens livres, que trabalham com meios de produção comunais e despendem suas múltiplas forças individuais de trabalho conscientemente como uma força de trabalho social”. E após descrever uma sociedade consciente das suas relações de produção e planejada socialmente, ao fim do mesmo parágrafo, escreve Marx: “As relações sociais dos homens com seus trabalhos e com seus produtos do trabalho ficam aqui transparentemente simples (*durchsichtig einfach*) tanto na produção como na distribuição”⁶. Muitas outras antecipações similares aparecem no decorrer do livro I. Lembremos do capítulo VIII, cujos itens 5, 6 e 7 tratam sob aspectos diferentes a “luta (*der Kampf*) pela jornada normal de trabalho”, mas esta dualidade entre o “para nós” e a “consciência mergulhada” nada mais é do que a oposição contraditória entre a aparência e a essência do ser no modo de produção capitalista, oposição esta, ela própria, expressão da luta de classes, a luta entre a economia burguesa e a sua *crítica*, a economia política da vanguar-

da da classe operária.⁷ A dialética em Marx é assim crítica e *revolucionária*, como ele próprio afirmou.⁸ A supressão da aparência em *O Capital* é assim teoria da revolução e a própria maneira de exposição (*die Darstellungsweise*), com o seu desdobramento em níveis de consciência, como perceberão Lenin e Trotski, expressam uma teoria do partido e do programa revolucionários. Mas, esta certamente seria uma visão “marxista” que Fausto não aceitaria, pois, parece ler Marx, conscientemente, de fora do marxismo.

Se, por um lado, esta visão externa o conduz a separar analiticamente a obra de Marx (talvez, contra parte de Marx), por outro lado, esta mesma visão externa o leva a descrever e esclarecer com precisão inigualável certos processos da dialética da aparência que caracterizam exatamente a circulação simples. Isto ocorre na dialética da forma do valor (descrita no capítulo 3) e na dialética do dinheiro (capítulo 5). Também a partir desta posição contemplativa do “entendimento”, Fausto descreve, em apêndice deste livro, as diferenças entre a dialética de Marx e as análises de Lévi-Strauss e Weber, advertindo sobre os riscos conceituais que existem em certos ecletismos teóricos, em geral, inconscientes. Nesse sentido, mesmo aqueles que permanecem no interior do “marxismo”, adquirindo a paciência do conceito, muito podem e devem aprender com esta nova obra de Ruy Fausto.

6. MEW, 23, p. 92-3; edição Abril, p. 75.

7. Nesse sentido, escreve Marx *in Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores*, referindo-se à luta pela limitação da jornada de trabalho: “Pela primeira vez, a economia política da burguesia foi derrotada em plena luz do dia pela economia política da classe trabalhadora (*politischen Ökonomie der Arbeiterklasse*).” (MEW, 16, p. 9).

8. MEW, 23, p. 28.

BENOIT, Hector. Resenha de: FAUSTO, Ruy. Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples. São Paulo: Paz e Terra/Brasiliense, 1ª edição, 1997. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.7, 1998, p.133-138.

Palavras-chave: Dialética marxista; Dialética hegeliana; Produção capitalista; Circulação simples.